



apoio



Itaú
cultural

avenida paulista 149 são paulo sp 01311 000
fone 0.. 11 3268 1700 fax 0.. 11 3268 1720
instituto@itaucultural.org.br
itaú cultural virtual www.itaucultural.org.br

sobre
(a)
ssaltos

sobre(a)ssaltos

rumos Itaú cultural
artes visuais

sobre(a)ssaltos

Um Horizonte e um Porto! Se o nome é um segredo sussurrado por um anjo, as duas primeiras cidades tomadas por **Sobre(A)ssaltos** têm, no nome, o apelo das distâncias, a prece das dispersões. Um dueto entre o aqui e o alhures, o instante e a eternidade, o centro e a margem. E por serem Belos e Alegres, esse é talvez um dueto amoroso.

As cidades fundaram-se na interseção dos caminhos dos homens e dos deuses. Uma esquina. Um ponto fixo no solo movediço dos espaços, no fluxo fugidio dos tempos.

Foi essa abertura, gerada na fantasmagoria que rondava os muros da cidade e a identidade das coisas e dos seres, que permitiria a constituição de um homem e do mundo que ele habita. Uma fresta em sua voraz irrealidade para que se desse a aparição de uma distância, a irrupção de uma transcendência, o anúncio do Nome.

Um oráculo no qual estaria a previsão de todos os destinos. Um porto inequívoco no qual ancorar as verdades e as significações. Um centro do qual o mundo se estenderia definindo seus horizontes.

Mas as cidades traem os deuses, e os deuses delas desconfiam. Não se esgotam os exemplos de cidades fabulosas, cujos nomes guardam lá os seus mistérios.

Babilônia, a prostituída famosa. Seu nome? Porta do deus. Mas de um deus que se corrompeu, seduzido pelos impuros desejos despertados entre seus muros e jardins suspensos. Babilônia, o duplo degradado e maldito da celestial Jerusalém. Babilônia, a mãe desvirtuada.

E se Atlântida, cidade ideal dos deuses para a qual Platão sonhou uma organização política e social sem falhas, permanecesse na memória como a origem perdida de todas as civilizações, a ruína de Babel silenciaria esse horizonte unívoco.

Afinal, uma torre que alcançasse o Verbo era a promessa de uma tradução absoluta do real, de uma articulação perfeita entre a experiência e sua decodificação, entre as coisas e os nomes. Babel tem no nome a raiz hebraica *Bll*: confundir. Deus castigaria o homem por sua pretensão e arrogância desmedidas, destruindo a torre e separando os povos em diversas línguas. Mas ao declarar ao homem sua incomunicabilidade e sua condição errante no mundo, Ele lhe devolveria a perplexidade inesgotável, o sobressalto em um mundo sempre a conhecer, sempre a situar, sempre a nomear.

Reparar o colapso de Babel foi a intenção do saber metafísico; construir sua torre, o projeto histórico da modernidade, diz Derrida.¹ Alcançar, enfim, o centro alhures de onde os oráculos anunciam suas verdades, o centro na origem dos mundos ou no fim dos tempos.

Mas eis o mistério das cidades: mesmo antes de os deuses ou de a História desertarem, de vez, das cidades e dos homens, muitos já haviam antecipado os desvios que as cidades abrigam. Uns as condenariam, outros as celebrariam. Baudelaire já o sabia, Benjamin também. O *flâneur* iria colher as flores desse mal; o viajante, quem sabe, encontraria, no labirinto rejeitado por Descartes, o amor de Ariadne. Anjos profanos, distraídos, a deambular pelas ruas indecisas.

A exposição **Sobre(A)ssaltos** reúne oito artistas de diversos locais do país, que realizam inserções fora do espaço e do circuito institucional da arte, atuando no espaço público da cidade. Eles estão pelas ruas, tomando de assalto as cidades por onde passa a mostra. Incorporando a itinerância da mostra em suas reflexões, realizam ações ou intervenções diferenciadas e efêmeras em cada passagem. Esses trabalhos desdobram-se ainda no interior das galerias, possibilitando um diálogo entre as cidades, e a memória crítica de seu processo.

Com poéticas e cogitações distintas, guardam em comum entre si e as cidades a contaminação e a dispersão dos territórios: a flutuação de fronteiras e de significados, entre as categorias artísticas, o autor e o espectador, a arte e a vida. Uma constituição relativa que implica e evidencia a trama de relações na qual esses trabalhos se inserem, engendram e criticam: uma trama de afetos, sistemas e fenômenos exteriores ao universo soberano e autônomo da arte moderna, às condições abstratas e ideais de espaço e de tempo que esta reivindicava. Tomando de assalto o que permanecera às margens de seu universo auto-referente, invadem-se pelas alteridades, deslocam-se para os espaços do mundo, realizam-se na circunstância e nos encontros fortuitos. A exposição, efetuando-se na duração de sua experiência, é um acontecimento que inclui o imprevisível, com portos, destinos e horizonte incertos.

E uma vez que os assaltos são inéditos, as reproduções mostradas no catálogo são apenas exemplares, trabalhos realizados pelos artistas nas cidades em que moram e que os acolhem.

¹ DERRIDA, Jacques. Escrever é um modo de morar. In: *Projeto*, Revista Brasileira de Arquitetura. São Paulo: Projetos Editores, v.118, n.118, jan/fev 1989.

Jorge Menna Barreto e Marcelo Cidade deslocam terras e horizontes. *Minha Terra/ Sua Terra (Rumos)* consiste na extração de 70 quilos (correspondente ao peso de Jorge) de terra de cada uma das cidades, e sua distribuição, em pequenas porções, aos visitantes da galeria na outra cidade. A dispersão das fronteiras e as fugas imprevisíveis, como diz, denunciam que todo limite é um corte arbitrário em um todo infinitamente móvel. Pois como fixar territórios em um mundo sem centros, se todo vínculo ao solo se reduz à gravidade, à atração que a terra exerce sobre nossos corpos? A distribuição de terras exige essa espécie de despedaçamento do corpo/terra do artista e sua doação ao outro além da fronteira. A contingência material desse elo coloca o corpo entre a efemeridade de sua posição e a potência que esta mobilidade contém: incontáveis territórios surgirão e serão absorvidos em um universo fragmentado, que oferece tanto seu nomadismo errático quanto o múltiplo do horizonte.

O horizonte era essa linha circular que limitava o plano da terra e o céu, e que colocava aquele que olha no centro do mundo que ela limitava. Marcelo Cidade compõe um horizonte constituído por centenas de habitantes alinhados na paisagem de cada uma das cidades da mostra, que o artista reúne pela fotografia.

A paisagem foi a ficção de um mundo visto por um sujeito universal, que submeteu os horizontes do mundo a seu olho e sua medida. Que subjogou todos os desvios: os da carne, os do impensado, os do outro obscuro que erra à nossa volta, a um ponto de fuga referendado por seu olhar, na altura exata de sua contemplação. A paisagem se ancora nesse olhar, ordena os espaços e reúne, no horizonte,

as dispersões de todos os lugares. Horizonte infinito da visualidade é o pouso das distâncias impalpáveis que apenas a visão toca. A paisagem é domínio do quase incorpóreo. O horizonte para onde todos os lugares se dirigem e de onde todos os lugares extravasam.

Ao mesmo tempo que se somam, os horizontes de Marcelo se relativizam. Recusam a paisagem como o mundo submetido a um olhar centralizado, para apresentá-la como centenas de horizontes que nos olham e que nos dissipam como unidade.

E se a paisagem é o horizonte do lugar, dele difere. O lugar talvez abrigue os corpos e a memória, a ancoragem cultural ao solo. As interferências urbanas de Felipe Barbosa e Rosana Ricalde verificam os processos de constituição e desaparecimento da paisagem, do lugar e da memória na urbe contemporânea, o jogo de numerosas substituições entre eles. Evidenciando sua dinâmica autofágica e mutante, expõem os transtornos do tempo e do espaço da cidade. São intervenções que dialogam com sua arquitetura e a percepção do espectador em movimento. Que absorvem, na efemeridade dos trabalhos, os ciclos da vida de uma cidade, seus laços com a memória e o esquecimento.

Se como espaço público entendemos o mundo comum a todos, mas diferente do lugar que nos cabe dentro dele, onde é o lugar que nos é específico? Ao tecer correspondências entre o projeto moderno do urbanismo e da arte, Alexandre Vogler deflagra o que há de excludente e perverso em seu ideal de pureza, como renova os sentidos das práticas situacionistas da arte contemporânea. Acolhendo o acaso em

seus planos e-as incongruências da vida em seu cotidiano, aponta-nos que o lugar que nos é específico, se existe, é a escultura móvel para abrigar a população de rua; a encruzilhada onde a entidade do candomblé encontra-se com Robert Smithson para uma *Macumbanonsite*; a execução de circuitos sem destino a conduzir-nos em um trânsito perpétuo, sem origem ou finalidade.

Carla Linhares interroga as possibilidades de uma vida social e pública como ação comunicativa. Invade os códigos de informação urbana para interferir no circuito viciado das rotinas diárias. Suas placas são colocadas entre outros cartazes e sinalizações. Suas mensagens alteradas são lufadas de ar na asfixia de um mundo sobrecodificado, que regula os contatos pessoais no espaço urbano e os corpos em seus deslocamentos. Um mundo no qual a própria vida se torna texto, signo, código genético. A artista sabe que uma afasia nos assola: vivemos mecanicamente as relações coletivas, o ideal de uma vida social e pública parece-nos uma fábula extraviada.

Ducha infiltra-se criticamente em espaços, instituições e na mídia para devassar seus circuitos ideológicos e os modos de operação de seus centros e sistemas de poder.

O artista engendra situações nas ruas da cidade, confrontando-nos com algo que não está na ordem habitual dos dias. Cenas insólitas ao cotidiano de uma grande cidade, que não se revelam como evento artístico para interrogar a esfera pública como o campo do discurso no qual o estatuto de um fato é determinado e legitimado, inclusive a mídia. O trabalho se constrói nas trocas discursivas com os

espectadores, testemunhas ocasionais que ignoram tratar-se de uma ação artística e que aceitam como verdadeiro aquilo que lhes é dito e apresentado nos jornais.

Graziela Kunsch, com uma câmara de vídeo nas mãos, parte por sua vez em direção à margem, a essa grande coordenada geográfica e simbólica, acolhedora dos excluídos e malditos da sociedade. Graziela emigra dos limites institucionais da arte para encontrar, nas periferias, aqueles desprezados e acudados em guetos. E o gueto não é o território ou o lugar. É o fim do sonho de um espaço vital comum e de uma comunidade originária sem conflitos. Suas performances exigem uma reação do outro, um acolhimento ou uma rejeição: uma afetividade incessantemente posta à prova. A errância, o extravio, a solidão são experiências familiares ao vira-lata e ao *flâneur*, ao vagabundo e às prostitutas; são intrínsecas à própria existência.

Porque o centro, se existe, é múltiplo e está em perpétuo deslocamento. E tomar de assalto o que antes foi margem supõe absorver essa falta e sua irremediável deriva para aí então se constituir como arte, a um só tempo aceitando o infinito de sua experiência e o risco de diluir-se em suas móveis e imprecisas fronteiras. Supõe deixar-se assaltar por estes jubilosos sobressaltos. Os sobressaltos que alimentam a vida e a arte.

marisa flório cesar
curadora adjunta

programa rumos itaú cultural artes visuais 2001/2003